

OUTRAS CINEMATOGRAFIAS

Remakes além Hollywood

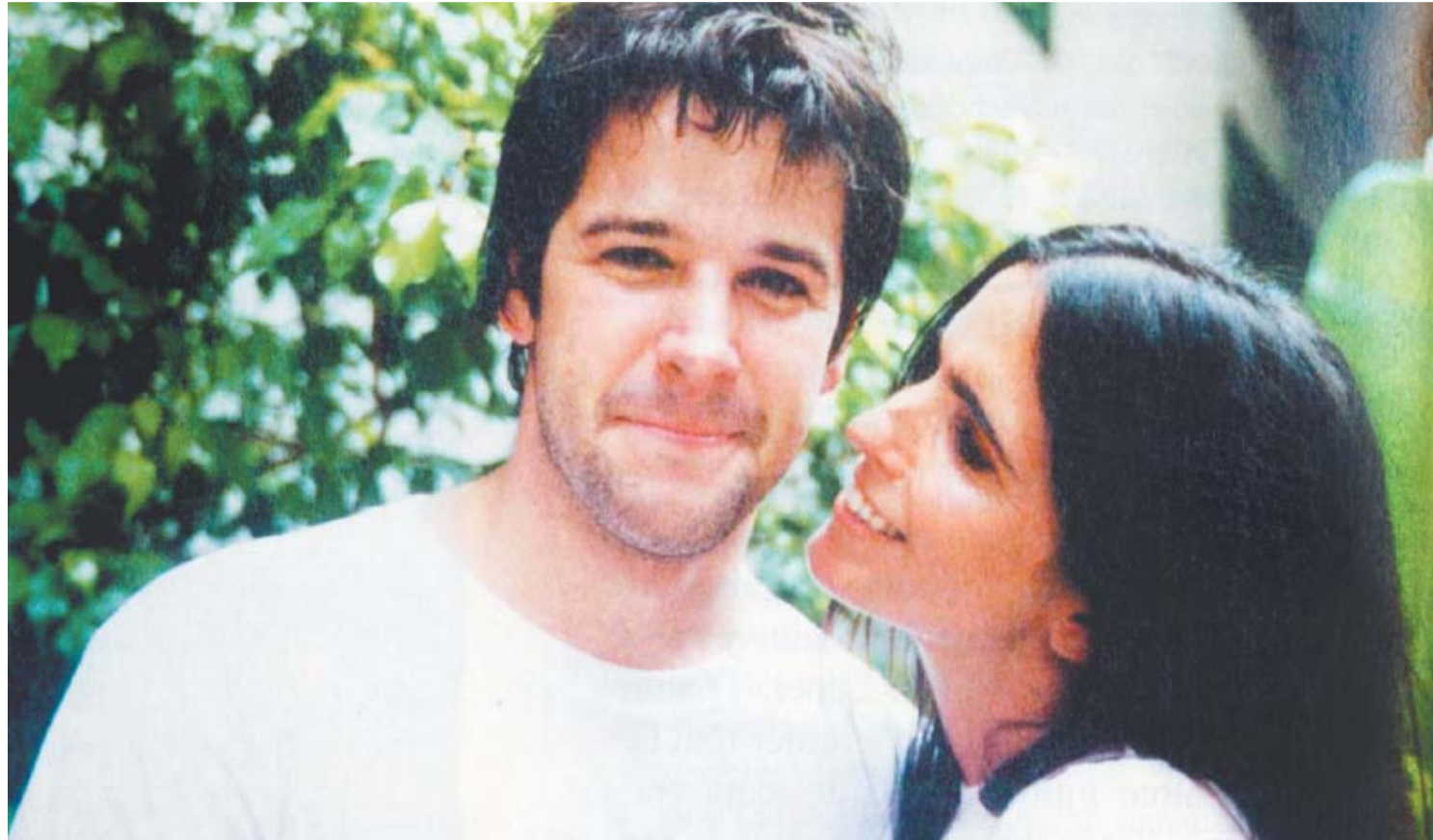
○ Ainda que a indústria cinematográfica norte-americana seja campeã absoluta de remakes, a prática existe, em menor escala, em outras cinematografias, inclusive a brasileira

FÁBIO FREIRE
Repórter

Se refilmar filmes é a uma prática à beira da banalização em Hollywood, o mesmo não pode ser dito do cinema europeu e brasileiro. Se o cinema europeu possui um caráter mais autoral, o que, de certa forma, inviabiliza uma estratégia tão imbricada de conotações comerciais como os remakes, o nacional carece de uma indústria que dê suporte a releituras de obras inseridas em um esquema industrializado. De uma forma ou de outra, se as cinematografias europeias servem como inspiração para várias refilmagens norte-americanas ("Perfume de Mulher", "Destino Insólito" e "Violência Gratuita" são exemplos de filmes gerados a partir de obras do Velho Continente), o Brasil importou a prática dos remakes para a indústria televisiva, refilmando novelas, séries e seriados.

"A refilmagem não é uma prática assim tão recente. A diferença, nos dias atuais, é que se retomam filmes que são marcos na história do cinema e constituem uma referência para o público, mesmo que este não tenha assistido ao original na época", avalia Meize Lucas, pesquisadora de cinema e professora do Departamento de História da UFC. Mas se a Europa também tem filmes que são verdadeiros marcos para a História do Cinema. Por que países como França, Itália, Alemanha e mesmo Inglaterra, mais próxima da indústria de Hollywood, não são tão afeitos a remakes? "É difícil dizer. Mas podemos pensar que a ideia de autoria é bem mais forte na Europa do que nos Estados Unidos e isso faz muita diferença", pondera Meize Lucas.

O jornalista e estudante do



○ ENTRE OS POUCOS remakes produzidos no cinema nacional, está a produção comandada pelo diretor televisivo Jorge Fernando e com atores globais no elenco, "Sexo, Amor e Traição", inspirado em um filme mexicano de bastante sucesso

Doutorado em Cinema e Fotografia da Unicamp, Laécio Ricardo, concorda. "Em relação ao contexto europeu, diria que é uma cinematografia que, embora também pautada por um viés comercial, sempre se enviaideceu do perfil autoral de seus cineastas", destaca. "A famosa 'política dos autores', apesar de suas limitações, tem matriz francesa. Penso que este desejo forte em cineastas europeus, de consolidar uma estilística pessoal, pode desestimulá-los a investir seu talento em remakes de outros realizadores", acredita.

Mas se os países do Velho Continente pouco exploram o filão, o cinema norte-americano não tem a menor vergonha de usar obras europeias como produto para remakes produzidos nos Estados Unidos. "Nesse caso, há uma mudança substancial nos valores e costuma-se adaptar os filmes para os parâmetros de sucesso já testados pelos blockbusters. É o caso do belíssimo filme 'Asas do Desejo', de Wim Wenders, que explorava desde o muro de Berlim, à condição humana, passando pelas referências culturais pop (caso da presença do cantor Nick Cave) e a questão da memória e do esquecimento",

cita Meize Lucas. "O amor utilizado para discutir questões amplas, a começar pela própria possibilidade do amor na modernidade, desaparece na versão americana. O romance de um anjo com uma mortal torna-se apenas o mote em torno do qual se desenrola a narrativa", lamenta.

Política de editais

E no caso do cinema nacional? Que razões impedem que filmes nacionais ganhem novas versões na tela grande? A inexistência de uma indústria cinematográfica e a falta de títulos emblemáticos que façam parte do imaginário e cultura cinematográfica do público brasileiro podem ser apontadas como algumas razões. Para Laécio Ricardo, as questões são mais profundas. "No Brasil, apesar da política de editais e da permanente interferência do Estado no setor audiovisual (presença ora positiva, ora negativa), faltam investimentos até para as obras originais, imagina então para projetos de refilmagens?!", questiona o pesquisador.

"Se não temos uma produção que viabilize novos projetos, como pensar em resgatar ou atualizar antigos títulos? Talvez o desestímulo encontra-

do por muitos cineastas para desenvolver seus roteiros não os incentive a investir tempo e dinheiro na refilmagem da obra de terceiros", justifica. "Penso ainda que a refilmagem de títulos nacionais exige, juntamente com a consolidação da indústria cinematográfica (fator imprescindível), um conhecimento abrangente da cinematografia do próprio país - como posso me propor o desafio de refilmar, atualizar ou recriar um título se desconheço sua inserção no campo cultural brasileiro?", o jornalista lança a questão.

De uma forma ou de outra, algumas vezes, o cinema nacional investe em remakes de suas obras, ou se apropria de ideias vindas de fora para "retroalimentar" suas produções, caso do filme de Jorge Fernando, "Sexo, Amor e Traição", refilmagem de um longa mexicano, e da versão nacional em produção do bem-sucedido musical norte-americano "High School Musical". "O caso de 'Sexo, amor e traição' é o da típica comédia ligeira na qual há uma razoável produção no País desde o final dos anos 1970. Nesse caso, retoma-se algo que

já fez sucesso e cuja fórmula já é familiar ao público brasileiro", discorre Meize.

"O Brasil até bem pouco tempo era marcado por um cinema mais autoral. Daí a refilmagem ser uma releitura de filmes considerados significativos por aqueles envolvidos no mundo da realização cinematográfica, caso de 'Matou a Família e foi ao Cinema'", continua Meize. Outros exemplos de remakes nacionais são "O Cangaceiro", "Navalha na Carne" e "O Homem Nu", além de uma adiada refilmagem do sucesso dos anos 1970, "A Dama da Lotação", filme protagonizado por Sônia Braga.

"O caso de 'O Cangaceiro' é algo singular. Retomaram um filme significativo na cinematografia por ter recebido prêmios e ter sido sucesso de público e crítica, mas a versão é de uma banalidade sem fim", critica Meize. "Acho que 'O Cangaceiro' tem mais valor 'histórico' do que artístico: mega-produção da Vera Cruz, espetacularização tosca do canção, boa receptividade internacional. Não vi o remake, mas o original não é um filme que julgo relevante", opina Laécio. **○**

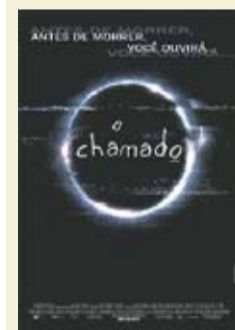
MELHORES REMAKES



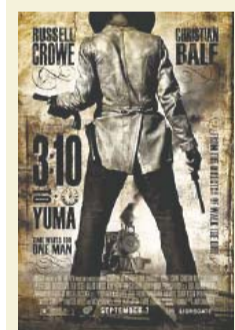
A Mosca (1986): Elogiada versão de uma produção dos anos 1950, "A Mosca da Cabeça Branca", o remake dirigido por David Cronenberg ganhou um elenco competente (Jeff Goldblum e Geena Davis) e uma direção inspirada que o transformaram em clássico dos anos 1980. Oscar de maquiagem.



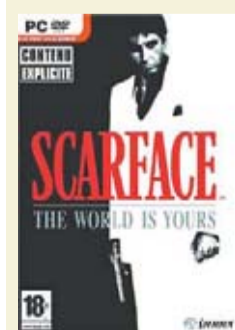
Cabo do Medo (1991): Martin Scorsese transformou um mero suspense ("Círculo do Medo") em um estudo de caso sobre a vingança nesse thriller protagonizado por um insano Robert DeNiro e um pacato Nick Nolte. Robert DeNiro e Juliette Lewis foram indicados ao Oscar pelo filme.



O Chamado (2002): Na nova onda de refilmagens de produções de terror oriental, uma verdadeira febre atual, o filme protagonizado por Naomi Watts se revela superior ao original japonês e mistura suspense, terror e cenas que remetem ao surrealismo para criar um clima tenso e assustador.



Os Indomáveis (2007): Bastam dois atores competentes para transformar um filme de faroeste convencional ("Galante e Sanguinário", de 1957) em um remake superior ao original. O filme dirigido por James Mangold traz um duelo de interpretações memoráveis entre Russell Crowe e Christian Bale.



Scarface (1983): Refilmagem de um filme de gangster da década de 1930 ("Scarface, A Vergonha de uma Nação"), dirigido pelo prestigiado diretor Howard Hawks, o remake dirigido por Brian De Palma conta com roteiro de Oliver Stone e atuação memorável de Al Pacino.

O horror em várias línguas

○ Os filmes de terror de origem oriental são as maiores vítimas dos remakes atualmente em Hollywood

É fato. Hollywood descobriu o filão de refilmar filmes de horror orientais. Obra de países como Japão, Coreia do Sul, Hong Kong e Tailândia têm feito bastante sucesso entre o público mundial e ganhado, constantemente, releituras hollywoodianas.

Para o professor do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, Rogério Ferraraz, que pesquisa o tema, as razões para essa prática são claras. "Essa intensidade da prática de remakes vista nos últimos anos é paradigmática do cenário contemporâneo", acredita. "Ela



○ "O OLHO DO MAL": a atriz Jessica Alba protagonizou o remake do filme chinês "The Eye - A Herança"

ocorre muito em razão da veiculação, difusão e acesso fácil e rápido que os produtos audiovisuais dos mais diversos lugares e culturas têm atualmente, principalmente através da internet".

Decorre daí o interesse dos mais variados públicos pelos filmes advindos do Oriente. "O remake de filmes orientais trata-se, portanto, de um processo atual de refilmagens feitas para o grande mercado internacional, capitaneado pela indústria de Hollywood", destaca Ferraraz. "Esse processo de reprodução e transposição de filmes originais em remakes configura novas modalidades de formas estéticas materializadas em imagens e sons".

Mas quais as razões desses remakes se apoiarem justamente nos longas do gênero de horror? "O final dos anos 1990 marcou, de forma contundente, o aparecimento e a consagração do chamado novo cinema de horror oriental", responde Ferraraz. "O

sucesso do cinema feito por essa nova geração foi tão substancial que Hollywood logo tratou de comprar os direitos e de refazer essas obras, trabalhando tanto com diretores norte-americanos quanto com cineastas de outras nacionalidades e, em alguns casos, até mesmo com os diretores dos filmes originais".

"Outra razão é o fato do gênero de horror estar vinculado a um tipo de representação que consiste em espetáculos do corpo levado a uma intensa sensação ou emoção, na qual o êxtase pode ser qualificado como uma convulsão incontrolável ou espasmo, marcado por gritos e arrepios", justifica. "Essa relação direta com o corpo do espectador ajuda esse tipo de narrativa fílmica a estabelecer um forte nicho de mercado. É nesse alto poder de comunicação e entretenimento que os filmes de horror ganharam a predileção de Hollywood pelas refilmagens de obras do gênero". **○**